1

A minha mãe afogou-se na noite de 23 de maio, dia do meu aniversário, no braço de mar em frente da localidade que chamam Spaccavento, a poucos quilómetros de Minturno. Exatamente naquela zona, no fim dos anos 50, quando o meu pai ainda vivia connosco, alugávamos no verão um quarto numa casa rural e passávamos o mês de julho a dormir os cinco dentro de escassos noventa metros quadrados. Todas as manhãs nós, crianças, bebíamos o ovo fresco, cortávamos para o mar pelo meio de canas altas por caminhos de terra e de areia e íamos tomar banho. Na noite em que a minha mãe morreu, a proprietária daquela casa, que se chamava Rosa e tinha então mais de setenta anos, ouviu bater à porta mas não abriu, com medo dos ladrões e dos assassinos.

A minha mãe tomara o comboio para Roma dois dias antes, a 21 de maio, mas nunca chegara. Nos últimos tempos vinha estar comigo pelo menos uma vez por mês, durante alguns dias. Não me sentia contente por ouvi-la pela casa. Acordava de madrugada e, de acordo com os seus hábitos, limpava de cima a baixo a cozinha e a sala de estar. Eu tentava voltar a adormecer, mas não conseguia: tensa entre os lençóis, tinha a impressão de que trabalhando duramente nas lides da casa me transformava o corpo no de uma menina com rugas. Quando chegava com o café, aninhava-me num canto para evitar que me tocasse ao sentar-se na beira da cama. A sua sociabilidade aborrecia-me: saía para fazer as compras e confraternizava com comerciantes com quem em dez anos eu não trocara mais de duas palavras; ia passear pela cidade com alguns dos seus conhecimentos ocasionais; tornava-se amiga dos meus amigos, aos quais contava histórias da sua vida, sempre as mesmas. Com ela apenas sabia ser reservada e pouco franca.

Voltava para Nápoles quando eu revelava os primeiros sinais de impaciência. Recolhia as suas coisas, dava uma última limpeza à casa e prometia que voltaria em breve. Eu dava a volta pelos compartimentos colocando de novo segundo o meu gosto aquilo que ela tinha disposto de acordo com o seu. Tornava a pôr o saleiro no compartimento onde o tinha há anos, restituía ao detergente o lugar que sempre me tinha parecido conveniente, desmanchava a sua arrumação dentro das minhas gavetas, restituía ao caos o compartimento onde trabalhava. Até o cheiro da sua presença — um perfume que deixava na casa um sentimento de inquietação — desaparecia pouco tempo depois, como passa no verão o cheiro de uma breve chuvada.

Acontecia muitas vezes perder o comboio. Em geral chegava no que vinha depois ou mesmo no dia seguinte, mas não conseguia habituar-me a isso e continuava a preocupar-me. Telefonava-lhe, ansiosa. Quando finalmente ouvia a sua voz, censurava-a com uma certa dureza: mas afinal não tinha vindo, porque não me tinha avisado? Ela justificava-se sem grande convicção, perguntando divertida o que imaginava eu que lhe pudesse acontecer, na sua idade. «Tudo», respondia eu. Sempre tinha imaginado uma rede de emboscadas criada de propósito para a fazer desaparecer do mundo. Quando era pequena, passava o tempo das suas ausências à espera dela na cozinha, por trás dos vidros da janela. Desejava intensamente que reaparecesse ao fundo da rua como uma figura numa bola de cristal. Respirava sobre o vidro, embaciando-o, para não ver a estrada sem ela. Se demorava, a ansiedade tornava-se tão incontrolável que transbordava em tremuras no corpo. Então ia para uma arrecadação sem janelas e sem luz elétrica, mesmo ao lado do quarto dela e do meu pai. Fechava a porta e ficava no escuro, a chorar em silêncio. A arrecadação era um antídoto eficaz. Inspirava-me um terror que fazia esquecer a ansiedade pela sorte da minha mãe. Naquele lugar escuro como breu, sufocante por causa do DDT, era agredida por formas coloridas que me roçavam durante breves segundos as pupilas, deixando-me sem respiração. «Quando voltares, mato-te», pensava, como se tivesse sido ela a deixar-me fechada ali dentro. Mas depois, logo que ouvia a sua voz no corredor, escapulia-me à pressa para ir andar à volta dela com indiferença. Voltou-me à mente aquela arrecadação quando descobri que tinha partido normalmente mas nunca tinha chegado.

À noite recebi o primeiro telefonema. A minha mãe disse-me em voz tranquila que não podia contar-me nada: impedia-lho um homem que estava com ela. Depois começou a rir e desligou. A princípio pre-

valeceu o estupor. Pensei que quisesse brincar e resignei-me a esperar um segundo telefonema. De facto, deixei passar as horas em conjeturas, inutilmente sentada junto do telefone. Só depois da meia-noite me dirigi a um amigo polícia, que foi muito simpático: disse que não me preocupasse, ele tratava de tudo. Mas passou a noite sem que houvesse notícias da minha mãe. De certo havia apenas a sua partida: a viúva De Riso, uma senhora só, da mesma idade que ela, com quem há quinze anos alternava períodos de boa vizinhança com períodos de desavença, dissera-me ao telefone que a tinha acompanhado à estação. Enquanto estava na fila para adquirir o bilhete, a viúva comprara-lhe uma garrafa de água mineral e uma revista. O comboio estava cheio, mas a minha mãe mesmo assim tinha encontrado lugar perto da janela, num compartimento apinhado de militares de licença. Tinham-se despedido, recomendando-se mutuamente cuidado. Como estava vestida? Da forma habitual, com roupa que tinha há anos: saia-casaco azul, uma carteira de cabedal preto, sapatos velhos com meio salto, uma maleta coçada.

Às sete da manhã a minha mãe telefonou de novo. Apesar de eu a bombardear com perguntas («Onde estás? De onde estás a telefonar? Com quem estás?»), limitou-se a desbobinar em voz muito alta, dizendo-as pausadamente com prazer, uma série de expressões obscenas em dialeto. Depois desligou. Aquelas obscenidades provocaram-me uma estranha regressão. Voltei a telefonar ao meu amigo, espantando-o com uma confusa mistura de italiano e de expressões em dialeto. Quis saber se a minha mãe estava particularmente deprimida nos últimos tempos. Ignorava. Admiti que já não era como dantes, tranquila, pacatamente divertida. Ria sem motivo, falava de mais; mas as pessoas de idade fazem muitas vezes isso. O meu amigo também concordou: acontecia muitas vezes os velhos, com os primeiros calores, fazerem coisas estranhas; não era motivo para preocupação. Eu, pelo contrário, continuei a preocupar-me e corri a cidade de cima a baixo, procurando sobretudo nos lugares onde sabia que gostava de passear.

O terceiro telefonema chegou às dez da noite. A minha mãe falou confusamente de um homem que a seguia para a levar embrulhada num tapete. Pediu-me que corresse a ajudá-la. Supliquei-lhe que me dissesse onde estava. Mudou de tom, respondeu que era melhor não. «Fecha-te dentro de casa, não abras a porta a ninguém», recomendou. Aquele homem também me queria fazer mal a mim. Depois acrescentou: «Vai dormir. Agora vou tomar banho.» Não se ouviu mais nada.

No dia seguinte, duas raparigas viram o seu corpo a boiar a poucos metros da margem. Tinha vestido apenas o sutiã. A mala não foi encontrada. Não se encontrou o saia-casaco azul. Não encontraram sequer as cuecas, as meias, os sapatos, a carteira com os documentos. Mas tinha no dedo o anel de noivado e a aliança. Usava nas orelhas os brincos que o meu pai lhe tinha oferecido meio século antes.

Vi o corpo e perante aquele objeto lívido senti que tinha de me agarrar a ele para não ir parar sei lá onde. Não tinha sido violado. Apresentava apenas algumas equimoses provocadas pelas ondas, aliás leves, que o tinham atirado durante toda a noite de encontro a certos escolhos à beira de água. Pareceu-me que tinha em volta dos olhos restos de uma maquilhagem que devia ter sido muito carregada. Observei demoradamente, com desagrado, as suas pernas esverdeadas, extraordinariamente jovens para uma mulher de sessenta e três anos. Notei com o mesmo desagrado que o sutiã era muito diferente dos já fora de moda que costumava usar. As copas eram feitas de renda delicadamente trabalhada e deixavam ver os mamilos. Eram ligadas uma à outra por três V bordados, marca de um estabelecimento napolitano de dispendiosa roupa interior para senhora, o das irmãs Vossi. Quando mo restituíram, juntamente com os brincos e os anéis, cheirei-o demoradamente. Tinha o odor irritante do tecido novo.

2

Durante o funeral surpreendi-me a pensar que finalmente já não tinha a obrigação de me preocupar por causa dela. Notei de imediato um fluxo tépido e senti-me molhada entre as pernas.

Estava à cabeça de um longo cortejo de parentes, amigos, conhecidos. As minhas duas irmãs apertavam-se a mim, uma de cada lado. Segurava uma por um braço, porque receava que desmaiasse. A outra agarrava-se a mim como se os olhos demasiado inchados a impedissem de ver. Aquela descarga involuntária do corpo assustou-me como se fosse a ameaça de uma punição. Não tinha conseguido verter uma única lágrima: não tinham brotado ou talvez não tivesse querido que brotassem. Além disso, fora a única a dizer algumas palavras para justificar o meu pai, que não mandara flores e não viera ao funeral. As

minhas irmãs não tinham escondido a sua desaprovação e agora pareciam empenhadas em demonstrar publicamente que tinham lágrimas suficientes para chorar também as que nem eu nem o meu pai estávamos a verter. Sentia-me sob acusação. Quando o cortejo foi acompanhado durante um bocado por um homem de cor que carregava aos ombros algumas telas montadas numa armação, a primeira das quais (a que ficava visível sobre as suas costas) representava toscamente uma cigana seminua, esperei que nem elas nem os parentes dessem conta. O autor daqueles quadros era o meu pai. Se calhar estava a trabalhar nos seus borrões naquele momento. Tinha feito e continuava a fazer cópias sobre cópias daquela cigana odiosa, vendida pelas ruas e nas feiras da província há dezenas de anos, satisfazendo por poucas liras, como sempre, os pedidos de horríveis quadrinhos para salas pequeno-burguesas. A ironia das linhas que conjugam horas para encontros, para separações, para velhos rancores, mandara ao funeral da minha mãe não ele, mas aquela sua pintura elementar, detestada por nós, suas filhas, mais do que detestávamos o seu autor.

Sentia-me cansada de tudo. Desde que tinha chegado à cidade nunca mais parara. Durante alguns dias acompanhara o meu tio Filippo, o irmão da minha mãe, nas voltas pelo caos das repartições, entre pequenos mediadores capazes de apressar os trâmites burocráticos dos processos ou experimentando nós mesmos, depois de longas filas nos balcões, a disponibilidade dos empregados para ultrapassar obstáculos intransponíveis em troca de avultadas gorjetas. Por vezes o meu tio tinha conseguido obter alguns resultados ostentando a manga vazia do casaco. Perdera o braço direito já em idade avançada, aos cinquenta e seis anos, trabalhando no torno de uma oficina da periferia, e desde então usava aquela sua invalidez ora para pedir favores, ora para augurar a quem lhos negava a mesma desgraça. Mas conseguira os melhores resultados desembolsando muito dinheiro que não era devido. Assim, tínhamos obtido rapidamente os documentos necessários, as autorizações nulas de não sei quantas autoridades competentes, verdadeiras ou inventadas, um funeral de primeira classe e, o mais difícil, um lugar no cemitério.

Entretanto, o corpo morto de Amalia, minha mãe, retalhado pela autópsia, tinha-se tornado cada vez mais pesado à força de ser arrastado com nome e sobrenome, data de nascimento e data de morte, perante empregados ora grosseiros, ora simpáticos. Sentia a urgência de me desembaraçar dele e, no entanto, ainda não suficientemente extenuada, quisera levar ao ombro o caixão. Tinham-mo permitido depois de mui-